

CARTILHA CAMINHO SUAVE: UM ESTUDO SOBRE AS ORIENTAÇÕES PARA APLICAÇÃO DO MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO PELA IMAGEM

CARTILHA CAMINHO SUAVE: A STUDY ON THE GUIDELINES FOR APPLYING THE PICTURE LITERACY METHOD

Silvia Aparecida Santos de Carvalho

*Universidade Estadual de Campinas; Prefeitura de São Paulo
silviacarvalho1@gmail.com*

Juliano Guerra Rocha

*Universidade Federal de Uberlândia; Prefeitura de Itumbiara/GO
professorjulianoguerra@gmail.com*

Sônia Maria dos Santos

*Universidade Federal de Uberlândia
soniaufu@gmail.com*

Resumo

A *Cartilha Caminho Suave*, desde sua primeira edição, em 1948, contou com a publicação de orientações destinadas aos professores acerca dos modos de aplicação do método de alfabetização pela imagem para o ensino de leitura e escrita às crianças ingressantes no 1º ano escolar. Esse artigo objetiva analisar duas edições desses impressos, o *Auxiliar de Alfabetização* (1948) e o *Manual do Professor para a Cartilha Caminho Suave* (1982). As questões que nortearam essa análise são: como e por que a autora Branca Alves de Lima organizou e concebeu orientações para a aplicação do método de alfabetização pela imagem? Quais pressupostos teóricos e metodológicos embasaram essas orientações? Quais recursos foram utilizados para a orientação dos professores acerca da aplicação do método? Que modificações e continuidades observamos entre as duas edições? Para essa análise, nos apoiaremos nos estudos desenvolvidos no campo da história da alfabetização.

Palavras-chave: *Cartilha Caminho Suave*. Alfabetização pela Imagem. Orientações para Professores.

Abstract

The *Cartilha Caminho Suave*, since the first edition, in 1948, counted with the publication of guidelines aimed at teachers about how the method of literacy by the image should be applied to teach reading and writing to children in the 1st year of school. This article, therefore, is aimed at developing an analysis about two editions of these printed, the *Auxiliar de Alfabetização* (1948) and the *Manual do Professor para a Cartilha Caminho Suave* (1982). The questions that guided this analysis are: how and why the author Branca Alves de Lima organised and conceived guidelines for the application of the method of literacy by the image? What are the

theoretical and methodological assumptions were embasadores these guidelines? What resources were used for the guidance of teachers about the application of the method? What changes and continuities are observed between the two editions? For the develop this analysis will support us in the studies developed in the field of history of literacy.

Keywords: *Cartilha Caminho Suave*. Literacy by the Image. Guidelines to Teachers.

Introdução

O campo temático da história da alfabetização, no Brasil, se constitui por diferentes fontes e objetos de estudo relacionados, especialmente, às práticas, materiais e métodos para o ensino e aprendizagem *iniciais* de leitura e escrita. Considerando as produções acadêmicas no campo, já inventariadas por Rocha e Carvalho (2018), notamos que os livros escolares são as fontes mais privilegiadas na escrita da história da alfabetização. Conforme Bufrem, Schmidt e Garcia (2006, p. 121), “no Brasil, os estudos sobre publicações didáticas têm sido realizados por pesquisadores e especialistas das várias áreas do conhecimento e têm privilegiado, especialmente, a análise dos manuais destinados a alunos”.

Na história do ensino de leitura e escrita, encontramos diferentes terminologias que denominam os manuais destinados ao ensino: manuais escolares, livros didáticos, livros escolares e cartilhas. Essas terminologias servem para designar vários tipos de uso, como observamos no caso do termo manual escolar: livro destinado ao aluno, mas também ao professor, quando reúne orientações para processuação do método aplicado no livro do aluno; ou, ainda, quando encontramos a expressão manuais de ensino para denominar livros utilizados nas disciplinas de Didática, Metodologia e Práticas de Ensino, na formação de professores, com a especificidade de apresentar conteúdos teóricos e concepções que circulam em torno do saber prático do ensinar.

No Brasil, observamos uma grande efervescência na produção, difusão e circulação de manuais escolares destinados aos professores – Manual do Professor ou Guia do Professor – com a ascensão da República, no fim do século XIX e início do XX. A partir de um modelo, sobretudo, estadunidense e positivista, o Estado toma a Ciência e a Educação como primordiais para retirar o país do atraso. Com o anseio e a promessa da modernidade, várias reformas educacionais são propagadas pelo país, projetando a escola primária e a cultura escrita como norteadoras de um novo cidadão brasileiro, aos moldes republicanos. A República traz consigo o modelo dos grupos escolares, concebidos, segundo Souza (1998), como “templos da civilização”; na figura do professor, projeta-se a postura de alguém que zelará pela moral, pela civilização, pelos valores cívicos e

nacionalistas. Conseqüentemente, os impressos, nesse período, também trazem esse ideário, inserindo textos e imagens que despertam posturas e condutas civilizadas e um certo espírito ufanista.

Especificamente no caso das cartilhas, sabemos que as primeiras que circularam no Brasil foram importadas de Portugal. Na tradição portuguesa, as cartilhas não eram inicialmente destinadas às crianças, mas aos professores que, se apropriando do método de ensino e das lições, os aplicavam junto aos alunos. As primeiras edições da *Cartilha Maternal*, de João de Deus¹, por exemplo, são compostas por textos explicativos para a aplicação do método de palavrção e suas respectivas lições.

As primeiras cartilhas de origem brasileira não continham um manual separado do livro do aluno, destinado ao professor, com explicações sobre o método. Geralmente, essas explicações estavam no próprio livro, nas páginas iniciais ou finais. No caso do estado de São Paulo, encontramos essas explicações nos diversos artigos publicados, no início da República, na *Revista de Ensino – Órgão da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo*. Compondo um vigoroso debate sobre qual seria o melhor método para formar o cidadão republicano, esses artigos apresentam os argumentos utilizados em defesa dos métodos analíticos, pela sentencição e palavrção, e dos sintéticos, pela soletração e pela silabação². Eles esclarecem as diferenças existentes entre esses métodos de ensino, sobretudo, no uso de algumas cartilhas para ensinar a ler e a escrever. Mortatti (2000, p. 180) esclarece que a *Revista de Ensino* se destacou como “espaço privilegiado de divulgação do método analítico para o ensino da leitura, entre outras novidades educacionais da época”³.

Um dos marcos na história das cartilhas e dos manuais destinados aos professores no Brasil é a publicação, em 1948, da *Cartilha Caminho Suave*, de Branca Alves de Lima, que contou, desde a primeira edição, com um panfleto com orientações para aplicação do método de alfabetização pela imagem, intitulado *Auxiliar de Alfabetização*. Esse panfleto foi ampliado, posteriormente, e transformou-se no *Manual do Professor para a Cartilha Caminho Suave*.

¹ De acordo com Magalhães (2013), inicialmente, a *Cartilha Maternal* foi publicada sob o título *Arte de Leitura* (1876); no mesmo ano, é reeditada com o nome *Cartilha Materna ou Arte de Leitura*. Em edição datada de 1876, a que tivemos acesso no Museu Pedagógico João de Deus (Lisboa), a cartilha estava sobre a designação de *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*. Na periodização da história do ensino de leitura e escrita, em São Paulo, Mortatti (2000) assinala que o primeiro momento foi marcado pelo método do poeta português João de Deus, contido na referida cartilha. No Brasil, as ideias desse poeta foram difundidas por Antonio Silva Jardim.

² Para identificar os argumentos utilizados no debate travado no começo do século XX entre os educadores a respeito dos métodos de ensino de leitura, ver: CARVALHO, Sílvia Aparecida Santos de (2016).

³ Para conhecer as principais revistas paulistas que tematizaram a educação e os métodos de ensino, ver: MORTATTI, Maria do Rosário Longo (2000).

Sabemos que *Caminho Suave* “é considerada o maior sucesso editorial do país e o símbolo por excelência da alfabetização tradicional” (MACIEL, 2002, p. 163). O sucesso de vendas da cartilha fez com que Branca Alves de Lima abrisse a sua própria editora, a Caminho Suave Ltda.

Então, pelo lugar que ocupa na história da alfabetização no Brasil, esse trabalho tem por objetivo analisar o *Auxiliar de Alfabetização* (1948) e o *Manual do Professor para a Cartilha Caminho Suave* (1982), buscando compreender: Como e por que a autora Branca Alves de Lima organizou e concebeu orientações para a aplicação do método de alfabetização pela imagem? Quais os pressupostos teóricos e metodológicos embasadores dessas orientações? Quais recursos utilizados para a orientação dos professores acerca da aplicação do método? Que modificações e continuidades observamos entre as duas edições?

As fontes documentais consultadas para empreender as análises são oriundas do Acervo Pessoal de Branca Alves Lima, em posse de familiares; do Arquivo do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – CEALE, disponibilizado na Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte; do Acervo da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, em Belo Horizonte; do Arquivo de Cartilhas e Livros Didáticos do Centro de Referência em Educação Mário Covas, em São Paulo; e do Arquivo de Livros Didáticos da Biblioteca Infante Juvenil Monteiro Lobato, em São Paulo. Trazemos, de igual maneira, alguns dados retirados do Diário Oficial de São Paulo (DOSP) e da imprensa paulista, consultados na versão digital.

São consideradas, igualmente, com auxílio dos aportes teórico-metodológicos da história oral (ALBERTI, 2013), três entrevistas. Duas delas realizadas com familiares de Branca Alves de Lima⁴ e uma⁵ com um dos ilustradores da *Cartilha Caminho Suave*:

1. Neide Vizinti (VIZINTI, 2017), que foi casada com sobrinho de Branca e, com ela, manteve, desde 1965, vínculos pessoais e profissionais;
2. Evandro Soares da Costa Neto (NETO, 2017), filho de Neide Vizinti e Evandro Henrique, sobrinho de Branca. Trabalhou por um período na Editora mantida pela escritora;
3. Eduardo Carlos Pereira, o Edú – como assina suas obras e prefere ser chamado – (EDÚ, 2017), ilustrador da *Cartilha Caminho Suave* desde a década de 1980, quando foi contratado pela autora para atualizar as ilustrações da cartilha. Trabalhou com Branca Alves de Lima como ilustrador de várias de suas obras.

⁴ As entrevistas com Neide Vizinti e Evandro Soares da Costa Neto foram realizadas em duas sessões, consecutivamente, nos dias 31 de maio de 2017 e 22 de junho de 2017. As entrevistas ocorreram na casa de Evandro, em São Paulo, totalizando 4h30min de gravação.

⁵ A entrevista com o ilustrador Eduardo Carlos Pereira, o Edú, ocorreu em uma sessão de 2h10min, em sua casa, em São Paulo, no dia 23 de junho de 2017.

Desenvolvemos a análise, inicialmente, apresentando o *Auxiliar de Alfabetização* (1948) e o *Manual do Professor para a Cartilha Caminho Suave* (1982), na história da produção editorial da professora, escritora e autora da Série Didática Caminho Suave⁶, Branca Alves de Lima. Apontamos o processo de incursão da autora no mercado editorial, os objetivos que estabeleceu, seu processo de escrita e os cuidados que manteve na publicação desses impressos.

Por fim, a partir da comparação entre o *Auxiliar* de 1948 e o *Manual* de 1982, apresentamos alguns aspectos de sua materialidade e analisamos os pressupostos teórico-metodológicos que embasam as orientações; os recursos utilizados para a orientação dos professores acerca da aplicação do método de alfabetização pela imagem e as modificações e continuidades observadas nas duas edições.

A gênese da Cartilha Caminho Suave e da produção editorial de Branca Alves de Lima

Branca Alves de Lima ficou conhecida pela produção da Cartilha *Caminho Suave* (1948), “um dos *best-seller* da história da alfabetização no Brasil” (MACIEL, 2002, p. 165). Nasceu em São Paulo (SP), a 13 de agosto de 1910, e faleceu no mesmo município, em 21 de janeiro de 2001. Em entrevista, a família afirma que a morte foi provocada por um câncer:

Ela tinha 90 para 91 anos, estava com câncer no pulmão e foi enterrada no Cemitério São Paulo. Abateu-se muito, depois que minha avó faleceu, Henriqueta Alves de Lima, no dia 01 de agosto de 2000. Minha avó era irmã dela. Depois da sua morte, ela se entregou, se sentiu sozinha. Elas moravam uma em frente à outra no mesmo condomínio. As duas se viam pela janela (NETO, 2017).

A autora da *Caminho Suave* diplomou-se no curso Normal, na Escola Normal do Braz, em São Paulo, na turma de 1929. Atuou como professora, aposentando-se no Grupo Escolar Romão Puiggari, localizado no Brás – bairro da região central de São Paulo. Essa instituição foi reconhecida na década de 1950, em decorrência da aplicação do método de alfabetização pela imagem, proposto por Branca Alves de Lima. “Quando eu passava com Dona Branca pelo Romão Puiggari, ela sempre comentava do sucesso que a escola fez com o seu método”, afirmou Vizinti (2017). O *Jornal de Notícias*, de SP, em reportagem intitulada “Ensino Moderno no Brás”, de 28 de maio de 1950, também registrava esse

⁶ A Série Didática Caminho Suave é composta pela *Cartilha Caminho Suave*, e os livros que dão continuidade ao método de alfabetização pela imagem (do 1º ao 4º livro), que têm a proposta de desenvolver a fluência da leitura ensinada anteriormente pela Cartilha.

sucesso, mencionando que o referido Grupo Escolar mantinha mais de 1.800 alunos graças aos resultados objetivos do processo de alfabetização pela imagem aplicado nas classes do 1º ano. Para além dessa instituição, o método sugerido pela *Cartilha Caminho Suave* foi difundido por todo o país; seu uso permanece, ainda que velado, nas salas de alfabetização brasileiras, pois, com os discursos empreendidos pelo construtivismo, a partir da década de 80, do século XX, usar a cartilha tornou-se algo tradicional.

A *Caminho Suave* ganhou a sua primeira edição gráfica em 1948, no entanto, foi escrita muito antes e aplicada, em formato artesanal, nas salas de aula onde Branca lecionava. Segundo dados das entrevistas realizadas:

Poucas pessoas sabem, mas a cartilha foi feita antes de 47. Quando a minha sogra, Henriqueta, irmã de Dona Branca, estava grávida do meu ex-marido, que nasceu no dia 14 de agosto de 1947, ela contava que antes mesmo de engravidar, junto com a irmã, trabalhavam até tarde na confecção da cartilha (VIZINTI, 2017).

A ideia da Cartilha nasceu a partir da dificuldade dos seus alunos em aprender naquela época. Minha tia contava que a cartilha começou na prática primeiro, ela aplicava o método com os alunos em sala de aula, e ia organizando as ideias no papel (NETO, 2017).

Numa das oportunidades que tive em conversar com a Professora Branca, ela me disse que a *Caminho Suave* nasceu antes da sua primeira edição. Ela usava algumas das atividades em sala de aula com seus alunos e depois com auxílio da irmã Henriqueta, copiou essa famosa cartilha (EDÚ, 2017).

A *Folha de São Paulo*, por meio de entrevista com Branca, ratifica alguns desses dados e registra outros que também impulsionaram a escrita da cartilha.

A Caminho Suave surgiu a partir das experiências de Branca, uma colecionadora de cartilhas, com alunos do interior do Estado, zona rural e periférica de São Paulo. Ela diz que as crianças apresentavam dificuldade de alfabetização com o método global, usado na época, em que o aprendizado era feito a partir de frases, das quais eram destacadas palavras e por fim sílabas e letras (FOLHA DE SÃO PAULO, 17 de abril de 1990, p. C-6).

A *Caminho Suave*, portanto, tem a sua gênese a partir das demandas da autora, nas suas experiências em sala de aula. A escrita da cartilha se deu em anos anteriores, em contraposição aos impressos que circulavam no Brasil, que utilizavam do método global ou analítico. Na entrevista, Neide Vizinti afirma que a cartilha teve uma espécie de formato artesanal, antes de ir para a gráfica, e

fora aplicada em sala de aula por Branca, que “comprovou, na prática, a eficácia do método misto” (VIZINTI, 2017).

O excerto da reportagem da *Folha de São Paulo* assinala dois pontos sobre a vida pessoal e profissional de Branca, ratificados nos encontros realizados com os seus familiares. Primeiro, a sua paixão por colecionar cartilhas e estudar os métodos de alfabetização: “sempre quando eu via uma cartilha diferente eu mandava uma cópia para Dona Branca, ela adorava ler e estudar as cartilhas” (VIZINTI, 2017); segundo, as primícias de suas experiências como professora, que se deram no meio rural, em instituições no interior paulista, nas classes isoladas de alfabetização da zona rural, geralmente multietárias: “quando minha tia entrou na docência, nos meados dos anos [19]30, as professoras eram enviadas para as escolas mais afastadas, na zona rural, e com o tempo voltavam para as escolas da cidade” (NETO, 2017).

O sucesso editorial da cartilha fez com que a escritora, com auxílio do pai, o contador Manuel Silveira Alves de Lima, abrisse uma firma, que posteriormente se tornou a Editora Caminho Suave Ltda. Os entrevistados relatam essa passagem, revelando um caráter familiar nos negócios:

Os pedidos das cartilhas foram aumentando e chegou um momento que minha tia teve que abrir uma firma. Até onde eu sei, o pai dela auxiliou, na abertura da firma e também na montagem dos pacotes, postando os pedidos das cartilhas. No início e por muito tempo, todas as encomendas eram dirigidas para a Rua Fagundes, local de sua residência, e depois, endereço da Editora. Quando ela começou com as vendas, as coisas eram muito artesanais; com a expansão dos negócios foi aumentando a infraestrutura. Aos poucos, ela foi comprando casas ao lado, alugando depósitos próximos para guardar os materiais que vinham da gráfica. Ela mandava cartilhas para escolas do Brasil inteiro. Com isso, a família toda foi entrando nos negócios da Editora. A empresa era bem familiar (NETO, 2017).

Tudo no início foi muito manual, o pai dela que embalava as cartilhas, levava aos correios. A família toda trabalhava na empresa. Também trabalhei com Dona Branca e, na fase final de sua vida, quem ficou mais próxima dela, foi eu. Inclusive, acompanhei como testemunha quando ela vendeu os direitos autorais do material para uma outra Editora (VIZINTI, 2017).

A professora Branca era a progenitora de toda a família. Quando a visitei na Editora em meados de [19]80, me deparei com vários de seus parentes trabalhando por lá (EDÚ, 2017).

No Acervo Pessoal de Branca, constam alguns Contratos de Registro de Firma e Declarações para Inscrição de Contribuinte dos Impostos sobre Vendas e

Consignações e Transações de São Paulo, entre 1950 a 1972. Analisando essas documentações, verificamos que o estabelecimento de venda das cartilhas foi aberto, no endereço residencial da autora, em janeiro de 1950, e estava com a descrição de “venda de livros e cartazes didáticos”; assim permanece até 1952, quando, nas Declarações de Registro de Firma Individual, vinculadas à Recebedoria Federal em São Paulo, tendo como contribuinte Branca Alves de Lima, aparece a denominação de “editora, distribuidora e vendas de livros e cartazes em geral”. Outros documentos desse acervo, datados da década de 50 e 60, tais como as Guias de Recolhimento de Imposto Sindical, do Sindicato Nacional das Empresas de livros e Publicações Culturais e os ofícios expedidos pelo Departamento da Receita da Secretaria da Fazenda de São Paulo, certificam o ano de 1952 como marco da abertura da Editora Caminho Suave Ltda.

A criação da Editora permitiu que, até meados de 1970, a *Cartilha Caminho Suave* constasse na listagem dos livros autorizados em SP, conforme Diário Oficial. Peres, Vahl e Thie (2016) apontam que, no intervalo entre 1971 e 1996, a Editora participou de programas do livro didático com subsídios federais. “Parte do êxito da cartilha deve-se à parceria entre o MEC e a Editora Caminho Suave, o que impulsionou a publicação de altas tiragens e a circulação nacional da obra” (PERES; VAHL; THIE, 2016, p. 349).

Além da cartilha, seguindo a tradição das séries graduadas para o ensino de leitura, provavelmente, no início da década de 1960, Branca publica um livro que dá continuidade à proposta de alfabetização da *Caminho Suave*. Esse livro foi inicialmente publicado sob o título *Leitura Intermediária*, posteriormente chamado de *1º livro de leitura*. E, a partir dos anos 1970, compôs a Série Didática da Caminho Suave.

Todos os livros da série – da Cartilha ao 4º livro – são acompanhados do *Manual do Professor*, que orientam os procedimentos do docente para o uso dos impressos. Além disso, a Editora também publicou materiais de apoio: os “Cartazes de Alfabetização pela Imagem”, os “Testes de Alfabetização” e os “Carimbos Didáticos Caminho Suave”. Neide Vizinti, em entrevista, destaca que poucos foram os livros/materiais, além dos publicados por Branca, que receberam a chancela da Editora Caminho Suave:

Dona Branca investiu em publicar na Editora os livros de sua autoria, lembro-me apenas de dois publicados na Caminho Suave que não foram escritos por ela. Um livro de Napoleão Mendes Barros, *Dicionário de Questões Vernáculas*; e outro, um livrinho azul. Dona Branca tinha a mania de tomar água oxigenada, que começou devido a uma reportagem que assistiu no Programa da Hebe Camargo. Um médico comentou sobre colocar na água umas gotinhas de oxigenada, umas 10 gotinhas num copo com água, pois matava as bactérias e vermes. Ela entrou em contato com o médico, que havia escrito sobre isso. Branca

editou o livro que ele escreveu e imprimiu. O médico não teve despesa alguma, ela também não ganhou com a venda; na realidade, a intenção era ajudar outras pessoas, para conhecerem essa ciência, esse remédio. A Editora editou e distribuiu esse livro em São Paulo e outros lugares, com autorização do médico. A intenção foi de divulgar para o bem, e não de ganhar dinheiro. Era um livrinho azul, quem chegava em sua casa ganhava o livrinho. Ela acreditava naquilo, mandava para todos nós, água oxigenada. Um de suas manias era essa: quem estivesse doente, ela mandava o livro com a água oxigenada (VIZINTI, 2017).

Geralmente, na quarta capa dos livros da Série da Caminho Suave, publicava-se os títulos vendidos pela Editora. Em consulta aos exemplares dessa Série, em diferentes edições da década de 1950 a 90, localizadas nos arquivos e acervos já citados, encontramos a menção apenas ao livro *Dicionário de Questões Vernáculas*, de Napoleão Mendes Barros⁷. Pelo fragmento acima, nota-se que a segunda obra referenciada por Vizinti é caracterizada a partir de elementos materiais: o “livrinho azul” contou com uma produção editorial menos profissionalizada, divulgando os resultados da pesquisa realizada por um médico desconhecido e atendendo a um desejo de Branca, ancorado em sua crença pessoal.

Outro fato marcante nos discursos dos entrevistados é a influência e atuação da irmã de Branca, Henriqueta Alves de Lima, na gênese e consolidação da *Caminho Suave*. O nome de Henriqueta não é mencionado nas publicações da cartilha, no entanto suas contribuições são destacadas nas entrevistas.

Dona Branca dizia que Dona Henriqueta desenhava e pintava bem melhor que ela. Daí era assim: a Branca fazia os esboços, os primeiros rabiscos, dava praticamente mastigada a ideia para Dona Henriqueta, que arrumava, fazia os ajustes, antes mesmo de ir para o desenhista. Algumas vezes o desenhista fazia e ela pedia retoques, as coisas com ela tinham que ser perfeitas, não podia errar em nada, pois, se tivesse um erro, tinha críticas, até mesmo de Brasília.

[...]

Henriqueta ajudou nos desenhos da cartilha, na capa e outras coisas, porque elas entregaram para o desenhista os primeiros esboços, e ele criava a arte final. Minha sogra me contou que as ideias já iam prontas, o tapete com o “T”, a vaca com o “V”, o sapo com o “S”, e assim por diante (VIZINTI, 2017).

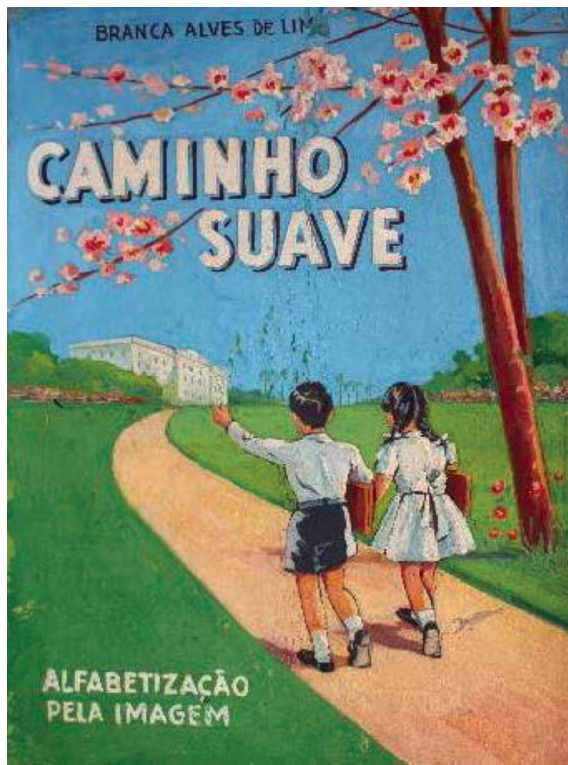
⁷ Na Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, em Belo Horizonte, há um exemplar desse dicionário, de 1981, editado pela Editora Caminho Suave. O livro tem dimensão de 26 x 18 cm, capa dura da cor marrom, com letras em dourado. Foi impresso pelo serviço gráfico da Cia. Melhoramentos de São Paulo.

A irmã da professora Branca sempre estava junto com ela. Conferindo os detalhes. Elas eram muito detalhistas. Embora eu não tenha tido nenhuma reunião com a irmã da professora Branca, eu percebia que ela tinha uma grande influência nas decisões (EDÚ, 2017).

Como é evidenciado, Henriqueta colaborou nos primeiros esboços da capa, dos desenhos das lições da *Cartilha Caminho Suave*, que se organizavam em torno do método que associava as letras às imagens. Trabalhava na Editora Caminho Suave e, segundo os familiares entrevistados, também foi professora, acompanhou e influenciou a produção didática de Branca. No Acervo Pessoal da autora, encontramos as matrizes da capa e de desenhos da cartilha, que foram aperfeiçoados no processo de ilustração e editoração do impresso. Embora não estejam assinados, Neide Vizinti atesta que são produções de Henriqueta, devido aos traços e ao sombreado presente em todos os desenhos⁸.

Imagem 1

Matriz da 1ª Capa da *Cartilha Caminho Suave*, pintada em tinta guache



Fonte: Acervo Pessoal de Branca Alves de Lima, s/d.

⁸ Até a publicação desse artigo não foi possível confirmar se a capa trata-se, de fato, de uma pintura feita por Henriqueta Alves de Lima. Até porque, na entrevista, a própria entrevistada, Neide, também sugere dúvidas ao afirmar que o desenho é mesmo de Henriqueta.

A imagem acima se refere ao primeiro esboço da capa da cartilha e apresenta duas crianças num caminho em direção à escola. Sugerindo um tipo de conduta, difundida na época como adequada para o comportamento infantil das crianças da classe média da sociedade paulistana, a cena representada pela imagem apresenta crianças uniformizadas, higienizadas, com o menino apontando para o prédio escolar, uma construção imponente, típica ilustração da arquitetura dos grupos escolares, tornando visível, “enquanto signo de um ideal republicano, uma gramática discursiva arquitetônica que enaltecia o novo regime” (BENCOSTTA, 2001, p. 105).

A imagem também cumpre a função de metáfora ao título da cartilha. Marca que o *caminho* para aprender a ler e a escrever, contido naquele livro, era *suave*, aludindo a uma contraposição aos outros caminhos – métodos – que não favoreciam a compreensão da leitura e da escrita.

Ao longo das edições da *Caminho Suave*, várias mudanças são feitas nas capas, decorrentes do ano da edição e também ao estilo do ilustrador da publicação. “Nota-se que os uniformes e pastas escolares usados pelas crianças variam de acordo com o que era usado nas escolas na mesma época de cada edição” (PERES; RAMIL, 2015, p. 70). O entrevistado Edú aponta aspectos das suas atualizações nas ilustrações, bem como as exigências de Branca com a perfeição nos desenhos:

Na cartilha eu aprimorei nos traços de alguns personagens e eu tomava o maior cuidado, devido ao rigor da Professora Branca, pois, algumas coisas que foram para sua aprovação, ela reprovou. Eu saía de sua casa, às vezes, com vontade de não voltar. Dificilmente, ela aprovava algum desenho na primeira vez. Os desenhos eram integrados nas letrinhas e tinham que ser exatamente como ela queria. Havia detalhes que eu nem percebia erros, mas eu aprimorava a partir da avaliação dela (EDÚ, 2017).

Os cuidados de Branca com as imagens devem-se, sobretudo, ao fato de que elas, no método de alfabetização da *Caminho Suave*, têm uma função primordial. “Consiste esse processo em relacionar a sílaba inicial de cada vocábulo com um ‘desenho chave’” (LIMA, 1965, p. 3). Portanto, como afirma Lima (1982), para o sucesso desse método de ensino, essencialmente visual, é necessário que o professor considere o aprendizado da leitura numa sequência gradativa e sistemática de conhecimentos.

Assim sendo, era fundamental orientar os professores acerca da técnica correta de aplicação do método de alfabetização pela imagem. Ela constitui quase um ritual e necessitava ser esclarecida para que o professor alcançasse o êxito na alfabetização das crianças.

Junto à primeira edição da *Caminho Suave*, de 1948, Branca Alves de Lima publicou também uma espécie de manual para o uso da cartilha, o *Auxiliar de Alfabetização*.

Na edição e versão datada de 1948, do *Auxiliar de Alfabetização*, não há, em nenhuma de suas páginas, menção à *Cartilha Caminho Suave*, apenas que se trata de um folheto cujos objetivos são: “facilitar o ensino da leitura aos analfabetos e simplificar o trabalho do professor” (LIMA, 1948, p. 2). A família de Branca, ao nos fornecer esse livro para fotografar, alegava que esse era o primeiro formato da cartilha, impressa inicialmente em folhetim destinado aos professores. No entanto, os dados oriundos do Diário Oficial de São Paulo (DOSP), de 6 de fevereiro de 1949, já anunciavam que o pedido de Branca Alves de Lima havia sido aprovado, incluindo a *Caminho Suave* na relação dos livros a serem usados nas escolas primárias do estado de São Paulo. Na edição do DOSP, de 12 de fevereiro de 1949, a cartilha está mencionada na lista dos livros autorizados para leitura diária no ano de 1949, em São Paulo, ao lado de várias cartilhas do método analítico e misto (ou analítico-sintético), e somente duas cartilhas⁹, autorizadas pelo Departamento de Educação do estado, do método sintético (pela silabação).

A concepção, organização e publicação impressa de orientações destinadas aos professores, sobre como aplicar um novo método e propor um *caminho suave* para ensinar a leitura e a escrita, traduzido nas lições sistematizadas apresentadas na cartilha e que se contrapunha aos métodos até então aplicados nas salas de alfabetização de crianças, não apenas propagandeou o método de alfabetização pela imagem. Irrevogavelmente, Branca Alves de Lima, com a publicação do *Auxiliar de Alfabetização* (1948), mais tarde ampliado como *Manual do Professor para a Cartilha Caminho Suave* (1982), formaliza sua inserção num cenário de disputas teórico-metodológicas acerca de qual seria o melhor método para alfabetizar, evidenciado no debate que tem sua gênese no final do século XIX e início do XX e que marcou tradicionalmente o ensino de leitura e escrita, relacionando-o sempre à uma questão de método¹⁰.

Indubitavelmente, dar atenção aos contornos teórico-metodológicos assumidos por essa proposição se faz necessário e contribui substancialmente para a compreensão do lugar ocupado por essa produção na história da alfabetização no Brasil.

Se o propósito da autora Branca Alves de Lima era apresentar suas concepções, contribuindo com o debate acerca dos métodos de alfabetização, vejamos quais os pressupostos teórico-metodológicos nos quais se embasou para elaborar sua proposição e que recursos utilizou para orientar os professores na execução do método de alfabetização pela imagem. Para empreender tal análise, procederemos de forma a comparar as diferenças e continuidades entre as duas edições: o *Auxiliar de Alfabetização* (1948) e o *Manual do Professor para a Cartilha Caminho Suave* (1982).

⁹ Trata-se das cartilhas: *Cartilha da Infância*, de Thomaz Galhardo, e *Cartilha Nacional*, de Hilário Ribeiro.

¹⁰ Para maior aprofundamento sobre a fundação da tradição que constitui a história do ensino de leitura e escrita no Brasil, ver: MORTATTI, Maria do Rosário Longo (2000).

O Auxiliar de Alfabetização (1948) e o Manual do Professor para a Cartilha Caminho Suave (1982): orientações mastigadas para simplificar o ensino

Em entrevista, Neide Vizinti (2017) afirma que Branca escreveu os Manuais para facilitar o dia a dia do professor, fornecendo-lhe dicas de como alfabetizar as crianças sem dificuldades. Ela assevera que

Da cartilha ao quarto livro tem os manuais do professor, que explicam passo a passo como o professor deve ensinar. Esse manual Dona Branca trabalhou muito, muito nas palestras. No manual apresenta o passo a passo todas as lições. A Branca, com os estudos dela, com as suas pesquisas, já tentava englobar no manual e na cartilha o ensino de matemática, estudos sociais, colocar realmente todas as matérias. O manual é muito bom, leitura importante ao professor. E quando eu e meu filho íamos a uma escola ajudar na venda, levávamos tanto a cartilha, os livros, quanto os manuais. A Branca fez o manual, pois se as professoras pesquisassem, lessem o manual, ficava muito mais fácil dar aula. No manual estava tudo mastigado, com todas as orientações (VIZINTI, 2017).

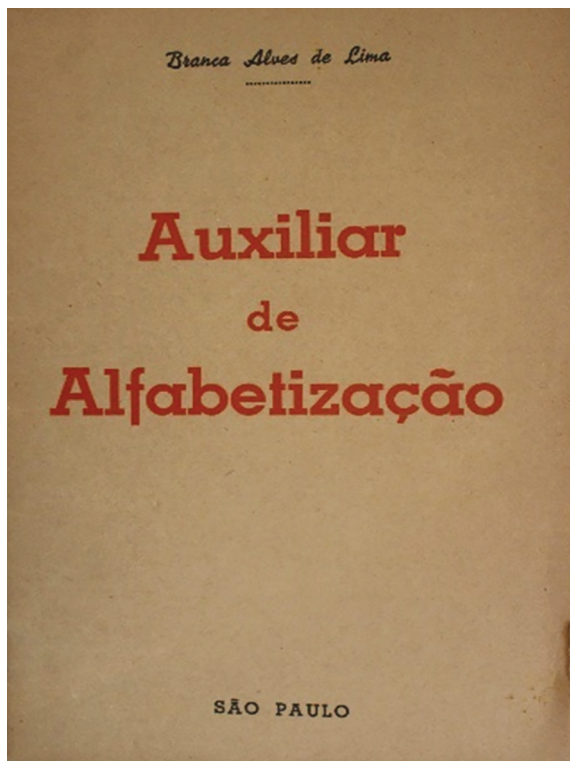
Pelo discurso de Vizinti percebemos que o manual também fez parte de uma estratégia comercial, na medida que auxiliava e convencia o professor a adotar a cartilha em sua sala de aula. Esses manuais, no decorrer da história de suas edições, sofreram alterações, atendendo aos pressupostos das legislações educacionais da época. No entanto, sua base teórico-metodológica centra-se na perspectiva mecânica e psicológica do ato de ler, como Branca Alves de Lima reitera em suas diferentes publicações e nas entrevistas concedidas para a imprensa.

O *Auxiliar de Alfabetização*, publicado em 1948, é o primeiro impresso escrito por Lima com explicações e lições sobre como proceder no ensino, de acordo com o método que associa o aprendizado das letras às imagens.

Com 16 páginas, apresenta uma dimensão de 23,5 x 16 cm, nomeado pela própria autora como um folheto, dada a sua pequena extensão e formato grampeado nas laterais. A folha de rosto da obra é encabeçada pelo nome da autora, o título centralizado, e logo abaixo a frase “direitos autorais reservados”, e, ao final da página, o ano de publicação, bem como o endereço e o telefone para fazer os pedidos à autora. Na quarta capa, encontra-se, centralizado, o brasão da “SAI – Sociedade Impressora Brasileira – Brusco e Cia. S. Paulo – Rua Luiz Gama”, local onde o livro foi impresso, e no fim da quarta capa, do lado esquerdo, o preço do folheto: “Cr\$ 3,00”.

Imagem 2

Capa do *Auxiliar de Alfabetização* (1948)



Fonte: Acervo Pessoal de Branca Alves de Lima.

Está dividido em três partes. A primeira, sob o título “Aos professores” (p. 2), a segunda, “Demonstração” (p. 3 e 4), e a terceira (p. 5 a 16) é composta pelas lições propriamente ditas, na sequência em que devem ser trabalhadas pelo professor.

Na primeira parte, “Aos professores”, a autora indica as vantagens encontradas nessas orientações: a sistematização das lições facilita o trabalho do professor na execução do método de ensino, bastando apenas seguir a sequência proposta; a relação estabelecida entre a sílaba inicial de cada palavra e um “desenho-chave” possibilita a livre associação entre imagem, grafia e som da sílaba; a maioria das palavras escolhidas tem a sílaba inicial terminada em A, o que, na opinião da autora, facilita o aprendizado, tornando-o agradável e rápido. Nessa primeira parte, são destacadas a leitura e cópias sistematizadas das lições o que, conforme a autora, possibilitaria, até à “mais endurecida” criança, a memorização com presteza.

Sob o título “Demonstração”, Branca Alves de Lima apresenta como se desenvolve o ensino pelo método de alfabetização pela imagem. Explica que as aulas devem ser dadas para todos da classe, simultaneamente; referindo-se às 5 gravuras da página 5, que têm por sílaba inicial as vogais a, e, i, o, u, vai

indicando como o professor deve apresentar cada uma, marcando, com seus alunos, cada nome, enfatizando, oralmente, suas divisões silábicas, destacando o som da sílaba inicial – neste caso, as vogais dos nomes de cada gravura –, relacionando-os, por fim, às gravuras correspondentes, mostrando, através da ação de desenhar, onde sílaba e gravura estão relacionadas.

Somente quando as vogais forem totalmente conhecidas pelas crianças é que, conforme a autora, o professor deverá prosseguir para o 2º quadro. Teremos, daqui por diante, um trabalho com as sílabas canônicas, compostas por consoantes e vogais. As lições deverão prosseguir da mesma forma: apresentação da gravura; leitura do nome da gravura; divisão silábica do nome, oralmente; destaque da sílaba inicial do nome da gravura; demonstração, pela ação de desenhar, onde sílaba inicial e gravura se relacionam; apresentação da família silábica completa. Os alunos deverão fazer cópias diárias das lições estudadas e irão diferenciar as letras de forma das letras de mão – assim designadas pela autora. As letras de forma são as que aparecem nos livros e as de mão serão aquelas que os alunos deverão usar para escrever em seus cadernos.

Depois de terem o domínio das lições estudadas até a página 8, o professor poderá prosseguir o ensino das lições que apresentam as sílabas com estrutura silábica não canônica: rra, ra (com o som fraco do r), ssa, sa (com som de z), ça, cha, nha, lha, qua, que, as, ar, na, an, al, ho, ã, ão, ãe, bra, cra, dra, fra, gra, pra, tra, vra, sempre trabalhando cada palavra e gravura como anteriormente.

Entre as lições que propõem o estudo primeiramente das vogais, depois das sílabas canônicas, compostas por consoantes e vogais, e por fim das sílabas não canônicas, há quadros síntese, denominados pela autora de quadros de recordação, que deverão ser lidos e copiados pela classe para recordar as lições estudadas em cada etapa. Além disso, é indicado que sejam oferecidos, na lousa, exercícios de síntese elaborados pela professora com 6 a 8 palavras que deverão ser ampliadas para 12 ou 15, garantindo variação no vocabulário para evitar decoração.

A autora apresenta, ainda, antes das lições sistematizadas, uma orientação intitulada “Como explicar a criança” (p. 4), fundamentalmente importante na caracterização do método de alfabetização pela imagem. Detalhadamente, apresenta como a professora da classe de alfabetização¹¹ deverá relacionar a sílaba estudada ao desenho-chave. A autora descreve os movimentos que a professora deverá fazer para desenhar cada um dos desenhos-chave, iniciados,

¹¹ Branca Alves de Lima, no *Auxiliar de Alfabetização* (1948), utiliza-se do gênero feminino para indicar a pessoa que irá conduzir a processuação de seu método. Em vários momentos da exposição das orientações, ela indica que “a professora iniciará uma palestra” (p. 3); “a professora irá ao quadro negro” (p. 3); “(...) escolhida a critério da professora” (p. 4), muito provavelmente por entender estar dialogando com mulheres que, majoritariamente, já ocupavam o ofício de alfabetizar nas escolas primárias da época, assim como ocupam nos dias atuais, como podemos comprovar nos estudos desenvolvidos no campo da história da profissão docente. Para aprofundar, ver: Tanuri (2000), Prates (2000) e Cardoso (2010).

primeiramente, pelas vogais: a de abelha, e de elefante, i de igreja, o de ovo, u de unha; depois, pelas sílabas compostas por consoante e vogal de todo o alfabeto: ba de barriga, ca de cachorro, da de dado, fa de faca, ga de gato, ja de jarra, la de laranja, ma de macaco, na de navio, pa de pato, ra de rato, sa de sapo, ta de tapete, va de vaca, xa de xadrez, za de zabumba. E, por fim, apresenta os movimentos a serem feitos para os desenhos-chave de duas sílabas não canônicas: que de queijo, nha de nha Maria, demonstrando didaticamente para as crianças onde se relacionam sílabas, imagens e sons.

Segue-se, a essa detalhada explicação, na página seguinte (p. 5), a primeira lição sistematizada, com a apresentação dos desenhos-chave e seus respectivos nomes iniciados pelas vogais. Desenho-chave e vogal se misturam na imagem, numa tentativa de provocar a associação imediata entre os sinais gráficos e a imagem do desenho a que estão ligados. Os nomes estão escritos em letra de forma minúscula e letra cursiva, também minúsculas. Ao final do quadro, as vogais aparecem escritas em letra de forma e cursiva maiúsculas.

De acordo com a progressão proposta pelo método de alfabetização pela imagem, são apresentadas, na página seguinte (p. 6), as lições com os desenhos-chave iniciados pelas sílabas simples, conforme já as descrevemos. Todos apresentam a consoante integrada ao desenho. Essa lição ocupa duas páginas e, ao final da segunda página (p. 7), são apresentadas também as sílabas do alfabeto completo terminadas em a: a, ba, ca, da, fa, ga, ja, la, ma, na, pa, ra, sa, ta, va, xa, za, em letra de forma minúscula, com o acréscimo das sílabas ce, ci, ge, gi.

Na página 8 é apresentado um quadro-síntese, composto por todos os desenhos-chave até agora apresentados, levando, na frente de cada um deles, a escrita dos nomes a que se referem e a família silábica correspondente.

Inicia-se, então, na página 9, a apresentação dos desenhos-chave, acompanhados da escrita dos nomes a que se referem, contendo as sílabas não canônicas a serem trabalhadas pelo professor: garrafa, barata, passarinho, casa, moça, chapéu, nha Maria, telha, quatro, queijo, asno, árvore, anjo, ambulância, alfinete, homem. Todos eles seguidos da descrição das suas respectivas famílias silábicas.

Seguem-se a essa lição, na página 10, outros desenhos-chave, acompanhados da escrita dos nomes a que se referem, indicando a forma singular e plural: lâ – lãs, balão – balões, pão – pães, mãe – mães, mão – mãos. Ao final, são apresentadas as sílabas ã, às, ão, ões, ães, ãos, em letra de forma minúscula.

Um novo quadro-síntese é composto, na página seguinte (p. 11), pelos desenhos-chave, as escritas dos nomes a que se referem e as famílias silábicas correspondentes até o momento apresentados nas lições anteriores, todos em letra cursiva minúscula.

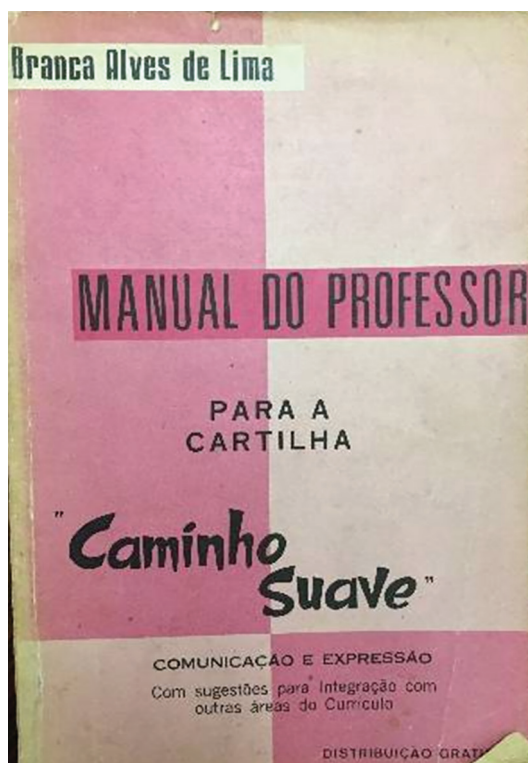
Na página que se segue (p. 12), outras palavras são apresentadas, em letra de forma, com seus respectivos desenhos-chave e a descrição de suas respectivas

famílias silábicas: braço, cravo, dragão, frade, gravata, prato, travesseiro, livro, blusa, Clarinha, flauta, globo, placa, atleta, guerra, rapaz. Essa lição ocupa três páginas e a ela se seguem dois quadros: o primeiro, numa quarta página, compõe-se dos desenhos-chave, a escrita dos nomes a que se referem e as famílias silábicas correspondentes, em letra cursiva. No último quadro, são apresentadas as letras do alfabeto em letra de forma, letra cursiva, maiúsculas e minúsculas que, por sua vez, concluem o impresso.

Em 1982, Branca Alves de Lima publica a 5ª edição do *Manual do Professor para a Cartilha Caminho Suave*, que traz uma versão ampliada das orientações acerca do método, com 222 páginas compostas inclusive por sugestões de planejamento interdisciplinar.

Imagem 3

Capa do *Manual do Professor para a Cartilha Caminho Suave* (1982)



Fonte: Biblioteca da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Com dimensão de 22,5 x 15cm, o Manual apresenta, na folha de rosto: o nome da autora, o título, o número da edição, duas mensagens em negrito que alertam que o impresso trata-se da sistematização progressiva do processo de alfabetização pela imagem e que as técnicas de ortografia da obra são registradas e de uso privativo da Série Caminho Suave. Após essas informações,

é mencionado o nome do ilustrador Hugo Arruda Castanho. Ao final da folha de rosto, encontramos a logomarca e endereço da Editora Caminho Suave Ltda, a menção ao estado de São Paulo e ao ano da publicação, 1982. A quarta capa, toda em rosa¹², contém apenas o nome, endereço e telefone da editora.

No índice, identificamos, inicialmente, os textos destinados a apresentar a publicação, a esclarecer os pressupostos teórico-metodológicos embasadores da proposição e a indicar a bibliografia de referência.

Em seguida, vem a exposição do método em três partes. A primeira, dividida em 6 fases, se ocupa da discriminação das palavras-chave: abelha, elefante, igreja, ovo e unha. A segunda, das palavras-chave barriga, cachorro, dado, faca, gato, jarra, laranja, macaco, navio, pato, rato, sapo, tapete, vaca, xadrez, zabumba. Nessa fase, é acrescentada a explicação e o trabalho com cartazes. Na terceira fase, o trabalho desenvolvido é o de reconhecimento das vogais. Na quarta, o reconhecimento das sílabas canônicas terminadas em a, de todo o alfabeto. As famílias silábicas terminadas em e, i, o, u são apresentadas na 5ª e, na 6ª fase, concluindo a primeira parte, há a preparação e entrega da cartilha e o trabalho com as lições apresentadas por ela.

A segunda parte conta com 19 lições que se ocupam do ensino das sílabas não canônicas; e a terceira parte, por fim, está composta por 10 lições que aprofundam o trabalho de alfabetização, trazendo maior complexidade na composição silábica das palavras, regras de acentuação e apresentação do alfabeto completo.

Branca Alves de Lima inicia o *Manual* com um capítulo de “Apresentação”, observando que a compreensão do ensino da leitura como um exercício monótono não contribui para a superação dos obstáculos encontrados no processo de aprendizagem da leitura. Indica a importância de um ensino dinâmico e interessante para a criança, e chama a atenção para as dificuldades que devem ser consideradas pelo professor: “linguagem viciosa devido ao meio ambiente; deficiência: da fala, da audição, da coordenação motora; carências de memória e de atenção, etc.” (LIMA, 1982, p. 5), as quais devem, por fim, motivar o professor a oferecer “artifícios engenhosos e atraentes, que despertem o gosto pela leitura” (LIMA, 1982, p. 5).

Em seguida, no capítulo intitulado “Metodologia” (p. 6), a autora indica a necessidade de “suavizar para nossas crianças o ensino da leitura, tornando-o vivo, prático e dinâmico”. Por entender que o ato de ler é complexo, que vai além do reconhecimento mecânico dos sinais gráficos e que necessita oportunizar a

¹² Um dos aspectos que diferenciava os Manuais do Professor da Série Didática Caminho Suave, na década de 1980, eram as cores dos livros. O manual da cartilha era rosa; o 1º livro, azul; o 2º livro, amarelo; o 3º livro, verde; e o 4º livro, marrom claro.

habilidade de compreender e interpretar o que está sendo lido, a autora considera a pertinência de sua cartilha “que se baseia no processo essencialmente audiovisual de ‘Alfabetização pela Imagem’ (Método Eclético)”. Ela esclarece que os temas escolhidos e trabalhados foram retirados das vivências infantis: o ovo, a unha, o cachorro, o gato, a barriga do bebê, a faca, a laranja, o tapete, a cebola, a gema, a garrafa, a barata, o queijo, a moça, o homem. As palavras-chave pertencem ao vocabulário infantil e são fáceis de serem assimiladas pelas crianças, contribuindo no desenvolvimento da observação e elaboração de deduções: a igreja, o dado, a jarra, o rato, o sapo, o macaco, o pato, a vaca, a telha, a árvore, o asno, o alfinete, o passarinho; e no caso da elaboração de comparações e de conceitos: a abelha, o elefante, o navio, o xadrez, o zabumba, o balão, o trenzinho, o foguete.

A autora apresenta, em seguida, no subtítulo “Características Gerais”, as vantagens do método. Lima (1982) afirma que as lições são gradativas e sistemáticas; atendem às diferenças individuais observadas entre as crianças; apresentam palavras conhecidas por elas. As palavras estão intimamente vinculadas aos desenhos-chave e provocam o interesse infantil, além de apoiarem a memória. Conforme a autora “(...) a visualização repetida da imagem, incorporada à palavra, conduz o alfabetizando ao reconhecimento mais rápido da palavra-chave, da sílaba e da letra. O aluno lento, desde que assistido pelo professor, poderá obter resultados satisfatórios” (LIMA, 1982, p. 7). Lima (1982) indica que são apresentados quadros que sintetizam as lições trabalhadas a fim de favorecer a recuperação do que foi estudado, contribuindo para que a criança domine rapidamente a leitura e a escrita. O aluno, independentemente, poderá recorrer a esses quadros sempre que for necessário. Os textos de leitura silenciosa dirigida favorecem a identificação de palavras novas e a compreensão do sentido do texto e as atividades apresentadas foram planejadas para atender às necessidades do aluno. A autora afirma que a técnica simples, aplicada pelo método, confere maior segurança ao professor em seu trabalho de alfabetização.

Observamos que algumas das informações contidas nesses textos iniciais do *Manual do Professor para a Cartilha Caminho Suave* (1982) podem ser identificadas nas informações iniciais do *Auxiliar de Alfabetização* (1948). Branca Alves de Lima, no *Auxiliar* de 1948, já indicava a intenção de apresentar um método que facilitasse o ensino da leitura, simplificando o trabalho do professor; apontava, também, para algumas das vantagens de seu método, detalhadas com maior riqueza no *Manual* de 1982. A sistematização das lições, os quadros-síntese, os desenhos-chave vinculados às letras e sílabas a serem trabalhadas são elementos que a autora já apontava em 1948 e que foram identificadamente mais detalhados em 1982.

Diferentemente do *Auxiliar da Alfabetização* de 1948, no *Manual do Professor para a Cartilha Caminho Suave* de 1982, a autora acrescenta outro subtítulo:

Material Complementar. Justifica a sua pertinência, argumentando a consequente redução do trabalho do professor, que poderá destinar seu tempo para outras áreas do ensino, e o interesse e o entusiasmo que estimulará na criança, aprendiz da leitura e da escrita.

O material complementar é composto, conforme descrito, por cartazes para o ensino coletivo; por testes, denominados *Testes de Alfabetização pela Imagem*, no formato de baralho; carimbos com as ilustrações contidas na cartilha; diapositivos – slides – com as imagens dos cartazes a fim de permitir, pela projeção, estimular o interesse das crianças, e o repasse dinâmico das lâminas com diferentes imagens a reforçar ideias já desenvolvidas e avaliar resultados de aprendizagem (LIMA, 1982, p. 7).

Ainda compondo o capítulo “Metodologia”, Lima (1982) apresenta o subtítulo *Leitura na 1ª série*, para indicar três tipos de abordagem que o professor utilizará para desenvolver o método de ensino:

O ensino deverá ser coletivo: na exposição de cartazes, de testes e de slides; na apresentação de vocabulário novo; na leitura oral de um texto; na revisão de dificuldades que estiverem entretendo o aprendiz. [...] Em grupo: [...] Convém separar as crianças em duas ou três turmas, visando obter o máximo de rendimento [...] evitando que fiquem à margem as de aprendizagem mais lenta. Essa classificação deverá ser organizada de forma flexível [...]. Para evitar frustrações é necessário que o educando ignore sua classificação. [...] Individual: tem por finalidade proporcionar aos alunos lentos atividades extras, revisões etc., numa tentativa de torná-los aptos a dominar a aprendizagem (LIMA, 1982, p. 8).

Em seguida, no subtítulo “Sequência do Aprendizado”, Lima (1982) esclarece o desenvolvimento sistemático da leitura pelo método de alfabetização pela imagem. Na primeira parte, o trabalho será o de discriminar o vocabulário básico, identificar vogais e palavras com sílabas compostas por consoantes e a vogal A; depois, palavras com sílabas compostas por consoantes e demais vogais, com identificação da letra c com som de s e da letra g. Na segunda parte, serão trabalhadas as letras s com som de z; ç com som de s; os dígrafos rr, ss, ch, nh, lh, qu; as letras s, r, n, m, acrescentadas no final das sílabas; a letra h, no início da palavra, a vogal nasal ã; os ditongos nasais ão, ãe. Por fim, na terceira parte, o trabalho será com o dígrafo gu; com os grupos consonantais br, bl; com z no final das palavras; palavras com ns; os sons do x; o m antes de b e p; a acentuação das palavras e o alfabeto.

Todos os itens descritos na apresentação dessa sequência, pelo *Manual do Professor para a Cartilha Caminho Suave*, de 1982, estão desenvolvidos nas lições propriamente apresentadas em 1948, no *Auxiliar de Alfabetização*.

Embora combinem, não podemos identificar que são as mesmas lições, as desenvolvidas no *Auxiliar* e a sequência dos conteúdos apresentada no *Manual*, quando observamos como foi proposto o trabalho com as lições de 1982. Embora concordantes nos conteúdos que ofereceram aos alunos, identificamos diferenças na forma de sua proposição. No *Manual* de 1982, a autora investe no detalhamento de como o professor deve dirigir, organizar o ensino, diferentemente do *Auxiliar* de 1948, que indica as lições para o professor desenvolver sua aplicação. Talvez fosse possível, aqui, identificar um indício comprovador da informação fornecida pela entrevistada Neide Vizinti (2017), de que o *Auxiliar* de 1948 foi o esboço da cartilha *Caminho Suave*, por isso apresenta as lições propriamente a serem aplicadas pelo professor.

No subtítulo “Roteiro” a autora apresenta a importância de oferecer um período preparatório para iniciar o ensino da leitura e da escrita. Esclarece que

o período preparatório, além de dar à criança a oportunidade de se ambientar na escola e de auxiliá-la a adquirir hábitos e atitudes, proporciona uma série de atividades visando a desenvolver as habilidades de: discriminação visual; acuidade auditiva; coordenação viso-motora; concentração; maturidade linguística, interesse em aprender a ler, etc (LIMA, 1982, p. 9).

Encontramos, na proposição teórico-metodológica de Branca Alves de Lima, a fecundidade do pensamento de Manoel Bergström Lourenço Filho, autor de *Testes ABC – para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita* (1934). Mortatti (2000, p. 147) nos indica o lugar e a influência do pensamento de Lourenço Filho sobre as ações ligadas ao ensino de leitura e escrita.

Partindo da necessidade de enfrentar o problema do fracasso na aprendizagem da leitura e escrita, indicado pelas altas taxas de repetência no 1º grau (atual 1ª série) da escola primária, mesmo entre crianças com idade cronológica e mental adequadas – problema apontado tanto no Brasil como em outros países americanos e europeus – e visando à economia, eficiência e rendimento do sistema escolar, Lourenço Filho apresenta a hipótese, confirmada pelas pesquisas experimentais que realizou com alunos de 1º grau, da existência de um nível de maturidade – passível de medida – como requisito para a aprendizagem da leitura e escrita. Com suas pesquisas, aponta, ainda, a insuficiência dos resultados a que chegam pesquisadores, sobretudo norte-americanos e europeus, que, nesse momento, preocupam-se com o problema, mas estudando-o apenas do ponto de vista da idade cronológica, escolar ou mental (MORTATTI, 2000, p. 147).

Lima (1982) apoia-se, também, conforme indicado mais adiante em sua bibliografia consultada, nas considerações da Magdala Lisboa Bacha (1969), para elaborar uma proposta de período preparatório para a aprendizagem da leitura e da escrita. Bacha (1969) dedica um capítulo de seu livro, *Leitura na Primeira Série*, à apresentação do “Programa do período preparatório para a leitura – ajustamento da criança à escola”. Nele, indica a importância de desenvolver atividades de discriminação auditiva, visual, enriquecendo as experiências dos alunos e integrando o ensino da leitura às demais áreas do currículo. Lima (1982) apresenta, em sua proposta, atividades de enriquecimento, que visam integrar o ensino de leitura às demais áreas do currículo, confirmando seu embasamento nas contribuições de Bacha (1969).

Como parte, ainda, da exposição do capítulo “Metodologia”, Lima (1982) apresenta uma justificativa para a escolha de trabalhar com um vocabulário básico, intitulada “Justificativa Didática quanto à Apresentação Preliminar do Vocabulário Básico”. Nela, defende que o vocabulário básico auxilia na diminuição das dificuldades de exprimir o pensamento com frases completas; auxilia, também, no atendimento ao aluno mais lento concomitantemente ao mais dotado; favorece o aspecto interpretativo e fisiológico da ação de ler; a identificar palavras com diferenciação de imagens; e, por fim, Lima (1982) compreende que seja mais fácil a discriminação de uma palavra do que de uma oração.

A autora conclui a exposição de sua metodologia indicando, no subtítulo “Passos metodológicos da aula de leitura”, os passos que devem ser observados pelo professor no ensino da leitura e da escrita pelo método de alfabetização pela imagem: 1. *Incentivo e Discriminação do Vocabulário Básico*: será garantido, por meio de contos, que serão apresentados pelo professor com o objetivo de despertar e manter o interesse dos alunos: introduzir a palavra-chave, ampliar o vocabulário, apresentar novos conceitos; o mesmo se dará por meio dos cartazes, que privilegiarão o trabalho com a discriminação visual, quando o aluno observar que a letra com que começa a palavra-chave está vinculada à imagem apresentada; 2. *Identificação de sílabas e formação de novas palavras*: serão trabalhadas a discriminação auditiva e visual, por meio da identificação das sílabas; inicialmente, as vogais, depois as sílabas canônicas de ba a za. Nesse momento, serão oferecidas, também, oportunidades de trabalho com a coordenação motora, bem como o estímulo para que os alunos pensem novas palavras com elementos já estudados. O treino de escrita será desenvolvido na lousa; 3. *Leitura Silenciosa Dirigida*, com o objetivo de proporcionar compreensão e interpretação; *Leitura Oral*, com fins específicos de desenvolvimento da linguagem com a pronúncia de palavras, escrita correta das mesmas, entendimento de seu significado e *Leituras Suplementares*: ampliação dos contextos e do vocabulário já estudado. No *Manual* são sugeridos, pela autora, trechos curtos para leitura suplementar. Esses trechos podem substituir o livro de Leitura Intermediária;

4. *Atividade relacionadas com a Leitura*: serão privilegiadas atividades que envolvam a *linguagem oral*, na análise das gravuras da cartilha e de situações organizadas pelo professor, inspiradas nas temáticas trabalhadas pela cartilha; a *linguagem escrita*, que será oferecida a partir do trabalho com a linguagem oral e envolverá a escrita de palavras na lousa, cópias, no caderno, dessas palavras que devem, conforme a orientação da autora, serem vivenciadas praticamente para o êxito da alfabetização; a *Gramática Funcional*, que cuidará de apresentar exercícios estruturais da língua; o *Treino Ortográfico*, que objetivará a fixação das palavras estudadas por meio da leitura e cópia. O ditado será utilizado para a verificação do aprendizado e poderá ser realizado individualmente, coletivamente, com palavras já estudadas e ou com apresentação de novas palavras, bem como com a escrita de orações; 5. *Atividades de Enriquecimento e integradas com outras áreas do currículo*: oportunizarão a ampliação das experiências e o conhecimento de novos conteúdos, garantindo o trabalho com as outras áreas do conhecimento: Comunicação e Expressão, Educação Artística, Expressão Musical, Expressão Corporal, Ciências, Higiene e Saúde, Estudos Sociais e Educação Moral e Cívica, Matemática e Educação Física. No Manual, são oferecidas sugestões de atividades que aproveitam textos de leitura e integram essas áreas.

Por fim, e antes de apresentar a processuação propriamente do método por meio das lições, a autora indica a bibliografia consultada para o embasamento teórico-metodológico de sua proposição. Seguem-se as orientações de como proceder, de acordo com o método de alfabetização pela imagem, ao ensino de cada lição proposta na cartilha *Caminho Suave*.

Considerações finais

Observamos que o *Auxiliar de Alfabetização* (1948) e o *Manual do professor para a Cartilha Caminho Suave* (1982) apresentam diferenças, mas também continuidades no modo de demonstrar, aos professores, a processuação do método de alfabetização pela imagem.

É importante destacar que o *Manual do Professor para a Cartilha Caminho Suave*, de 1982, foi organizado especificamente para o uso dos professores. Dirigindo-se diretamente a eles, em todas as orientações disponibilizadas, a autora apresenta como devem aplicar o método de alfabetização pela imagem em cada lição da cartilha *Caminho Suave*, bem como o uso que deverão fazer, no desenvolvimento de cada aula, dos materiais complementares, indicados para o ensino de acordo com seu método, como os cartazes, os testes, os carimbos, os slides etc. Indica, ainda, sugestões de atividades de enriquecimento integradas com outras áreas do currículo.

Diferentemente, o *Auxiliar de Alfabetização*, de 1948, mesmo contendo indicações sobre as vantagens do método e orientações de como aplicá-lo destinadas aos professores, deveria também ser utilizado pelos alunos. Em vários momentos, a autora indica esse tipo de uso. Referindo-se aos quadros que sintetizam um conjunto de lições, afirma que,

Com a leitura e com a cópia sistemáticas desses quadros, a criança adquirirá facilidade, segurança e rapidez; até a mais endurecida memoriza com relativa presteza as diferentes sílabas (LIMA, 1948, p. 2).

A classe lerá então, em conjunto, o quadro de recordação: abelha a, e, i, o, u; barriga: ba, be, bi, bo, bu etc., não indo além das figuras estudadas. Este quadro deverá ser lido diariamente, bem como as sílabas em a que vêm junto a ele. Como tarefa os alunos farão cópias diárias do quadro da pág. 8 até a lição estudada (LIMA, 1948, p. 3).

Se, no *Auxiliar* de 1948, foram indicadas a leitura e a cópia sistemáticas dos quadros de recordação disponibilizados no próprio impresso, no *Manual* de 1982, observamos a indicação do uso de Cartazes, que acompanhavam o *Manual*, e deveriam ser apresentados, pelo professor, a seus alunos. Seu objetivo é ensinar palavras-chave por meio da integração da imagem e da sílaba em destaque, confirmando, assim, os diferentes propósitos de usos desses impressos.

Essa observação nos remete à informação prestada por Vizinti (2017), em seu depoimento aqui considerado, no qual afirma que o *Auxiliar de Alfabetização* (1948) é o esboço da cartilha *Caminho Suave*. Essa afirmação pode encontrar apoio nas palavras da própria Branca Alves de Lima, quando afirma que

Quando os alunos estiverem familiarizados com a leitura de vocábulos e já conhecerem os dois primeiros quadros poderão dar início à leitura das lições de qualquer cartilha, escolhida a critério da professora (LIMA, 1948, p. 4).

Mas por que, nas orientações contidas no *Auxiliar de Alfabetização* (1948), Branca Alves de Lima não indicou o uso da cartilha *Caminho Suave*? O *Auxiliar* não deveria reunir orientações para aplicação do método aplicado na cartilha *Caminho Suave*, também de sua autoria, publicada na 1ª edição, no mesmo ano, em 1948?

É possível inferir que o *Auxiliar* (1948) reunia um conjunto de lições aplicadas pela autora em sua experiência profissional e que, não sendo uma cartilha, teria a função de orientar o professor sobre como proceder ao ensino da leitura e da escrita e apresentar modelos de lições que pudessem preparar a criança para o trabalho de análise-síntese proporcionado pela cartilha. Branca Alves de Lima revela, no *Manual* de 1982, um período específico para a entrega da cartilha que deveria ocorrer na

6ª Fase – Preparo para a entrega da cartilha. Quando os alunos dominarem umas quatro lições da cartilha na lousa, ela será entregue a toda a classe. Não haverá necessidade de preparo. As dificuldades já deverão estar superadas (LIMA, 1982, p. 46).

Reparemos que as lições preparatórias para a introdução da cartilha, no ensino da leitura e da escrita, são lições nela contidas, que deverão ser apresentadas aos alunos anteriormente à sua entrega. Essas lições, da própria cartilha, deverão ser trabalhadas em outro suporte: no caso do *Auxiliar* (1948), a partir da leitura e cópia dos quadros de recordação e, no *Manual* (1982), por meio da apresentação dos Cartazes.

Ao compararmos as lições apresentadas no *Auxiliar de Alfabetização* (1948) com a 68ª edição da cartilha *Caminho Suave*, de 1965, cujo acesso nos foi possível, observamos que as lições indicadas no *Auxiliar* (1948), que deveriam ser estudadas antes da entrega da cartilha, também estão contidas na cartilha *Caminho Suave*, publicada em 1965. Elas são apresentadas, nessa edição que traz a mesma capa da 1ª, anteriormente às lições que propõem a análise-síntese das palavras-chave de modo mais aprofundado e que não constam, dessa forma específica, no *Auxiliar* de 1948.

Parece-nos, assim, que o *Auxiliar de Alfabetização* (1948) apresenta resumidamente o trabalho a ser desenvolvido na alfabetização pela imagem, reunindo orientações sobre a processuação do método, destinadas aos professores, bem como as lições que deveriam ser utilizadas pelos alunos para aprender a leitura e a escrita.

Indiscutivelmente, o *Auxiliar de Alfabetização* (1948) e o *Manual do Professor para a Cartilha Caminho Suave* ocuparam lugar importante na história da alfabetização do Brasil. Eles compõem um conjunto de impressos elaborados com o objetivo de apresentar a melhor forma de ensinar leitura e escrita e estão inseridos, por isso, no debate estruturante da tradição que vincula o ensino de leitura e escrita a uma questão de método. Observar as características dessa produção, indubitavelmente, oportuniza, àqueles que se ocupam com a temática, compreender, com maior amplitude, os contornos que constituíram o ensino da leitura e da escrita no Brasil da época e, sobretudo, dos dias atuais.

Referências

- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- BACHA, Magdala Lisboa. *Leitura na Primeira Série*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1969.
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Arquitetura e Espaço Escolar: reflexões acerca do processo de implantação dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903-1928). *Educar*, Curitiba, UFPR, n. 18, p. 103-141, 2001.

BUFREM, Leilah Santiago; SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. Os manuais destinados a professores como fontes para a história das formas de ensinar. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 22, p. 120-130, junho de 2006.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. Mães educadoras e profissionais: educação feminina em Teresina na primeira metade do século XX. *Revista Outros Tempos*, Maranhão, v. 07, n. 10, p. 158-179, 2010.

CARVALHO, Silvia Aparecida Santos de. *O ensino de leitura e escrita em São Paulo e a formação do cidadão republicano (1890-1920)*. Campinas: Edições Leitura Crítica, 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. Após 40 anos, Caminho Suave ainda vende 750 mil exemplares. *Folha de São Paulo*, Educação, São Paulo, 17 de abril de 1990, p. C-6. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

JORNAL DE NOTÍCIAS. Ensino Moderno no Brás. *Jornal de Notícias*, São Paulo, de 28 de maio de 1952, p. 12. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

LIMA, Branca Alves de. *Auxiliar de Alfabetização*. São Paulo: 1948.

_____. *Caminho Suave*. 68. ed. São Paulo: 1965.

_____. *Manual do professor para a Cartilha Caminho Suave*. 5. ed. São Paulo: Editora Caminho Suave limitada, 1982.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. *Testes ABC – para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita*. São Paulo: Melhoramentos, 1934.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. As cartilhas e a história da alfabetização no Brasil: alguns apontamentos. *História da Educação, ASPHE/FaE/UFPEl*, Pelotas, v. 11, p. 147-168, abril de 2002.

MAGALHÃES, Justino. La Méthode Maternelle ou Art de lire de João de Deus (1876): inventions typographiques et alphabétisation populaire au Portugal. *Histoire de l'Éducation*, n° 138, p. 115-130, maio/agosto de 2013.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da Alfabetização: São Paulo, 1876-1994*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PERES, Eliane Terezinha; RAMIL, Chris de Azevedo. Alfabetização pela imagem: uma análise iconográfica da cartilha *Caminho Suave* e do material de apoio. *Cadernos de Pesquisa em Educação*, UFES, n. 41, p. 53-79, 2015.

PERES, Eliane Terezinha; VAHL, Mônica Maciel; THIE, Vânia Grim. Aspectos editoriais da cartilha *Caminho Suave* e a participação da Editora Caminho Suave Limitada em programas federais do livro didático. *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá, v. 16, n. 1, p. 335-372, janeiro/abril de 2016.

PRATES, Maria Helena de Oliveira. A Escola de Aperfeiçoamento: Teoria e Prática na formação de professores. PEIXOTO, Anamaria Casasanta; FÁRIA FILHO, Luciano Mendes de. *Lições de Minas: 70 anos da Secretaria da Educação*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2000.

ROCHA, Juliano Guerra; CARVALHO, Silvia Aparecida Santos de. As iconografias na história da alfabetização. SANTOS, Sônia Maria dos; ROCHA, Juliano Guerra. *História da Alfabetização e suas Fontes*. Uberlândia: EDUFU, 2018 (no prelo).

SÃO PAULO. Departamento de Educação – Expediente Geral. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, São Paulo, n. 29, ano 59, 6 de fevereiro de 1949, p. 8. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

SÃO PAULO. Departamento de Educação – Expediente Geral. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, São Paulo, n. 34, ano 59, 12 de fevereiro de 1949, p. 12. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de civilização: a implantação da Escola Primária Graduada no estado de São Paulo, 1890-1910*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 14, p. 61-93, Maio/Junho/Julho/Agosto, 2000.

Fontes Orais

EDÚ, Eduardo Carlos Pereira [70 anos]. 23 de junho de 2017. Entrevistador: Juliano Guerra Rocha. São Paulo: 2017.

NETO, Evandro Soares da Costa. 1ª entrevista: 31 de maio de 2017; 2ª entrevista: 22 de junho de 2017. Entrevistadores: Juliano Guerra Rocha e Sílvia Aparecida Santos de Carvalho. São Paulo: 2017.

VIZINTI, Neide. 1ª entrevista: 31 de maio de 2017; 2ª entrevista: 22 de junho de 2017. Entrevistadores: Juliano Guerra Rocha e Sílvia Aparecida Santos de Carvalho. São Paulo: 2017.